

28 MAR 1996

28 MAR 1996

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Cupidos unem Sarney e FH

Há boas chances, embora nada esteja ainda certo, de que seja hoje o grande dia da reconciliação entre Fernando Henrique Cardoso e José Sarney. O local não está escolhido, mas é garantido que o encontro não se dará em ambiente de trabalho. Quem sabe o Palácio da Alvorada, talvez o Jaburu, ou mesmo o aconchego de uma casa amiga. Mas as pazes só serão feitas hoje se vencerem os que defendem celeridade nessa reaproximação.

Se, no entanto, prevalecerem as razões de gente que prefere não correr o risco de comer cru e quente, o encontro será apenas após a Semana Santa. É a tese, por exemplo, defendida por Antônio Carlos Magalhães, o cupido mais categorizado desse tumultuado romance. Há outros trabalhando, como o presidente do Tribunal de Contas, Marcos Vilaça. Ele procurou o líder do PFL na Câmara, Inocêncio Oliveira, pedindo que ele fosse portador de uma sondagem junto a Fernando Henrique a respeito da possibilidade de que se promovessem as pazes.

Vilaça viajou para a Venezuela e volta depois dos feriados quando poderia perfeitamente patrocinar o encontro em sua casa no Lago Sul. Mas o mais provável é que quando volte de viagem já esteja tudo ajustado.

Antônio Carlos não acha que já tenha chegado a hora de uma pacificação total e absoluta. "Ainda é cedo para que haja troca de beijinhos", brinca ele, que considera melhor que se faça uma avaliação mais branda da reaproximação. Na definição de ACM trata-se, por enquanto, apenas de um desarmamento de espíritos e nada mais.

Mas para que dê tudo certo sem nenhum risco de que os esforços sejam vãos, ACM acha que o grande momento só deveria acontecer após a Semana Santa. "Depois da procissão do Senhor morto, do choro da Madalena arrependida, à ressurreição virá no terceiro dia, quando então tudo pode acontecer", compara ACM em dia de fino humor.